

## A SECA E AS HUMANIDADES NO PROCESSO DE ACESSO À ÁGUA: as barragens do Rio Salinas e o desenvolvimento regional

**Maria Araci Magalhães**

Mestranda, Instituto de Geografia - UFU  
e-mail: [araci@eafsalnet.com.br](mailto:araci@eafsalnet.com.br)

**Samuel do Carmo Lima**

Professor do Instituto de Geografia - UFU  
e-mail: [samuel@ufu.br](mailto:samuel@ufu.br)

**ABSTRACT** - This work is a synthesis of the dissertation about environmental, social, culture, economical impacts have occurred in Salinas' region - MG, with the building of the dikes in the Caraibas, Salinas, Bananal rivers. Check the transformations have occurred in the landscapes, in the life conditions of population included and its economical development.

**Key words:** water, lifes, development

### 1 INTRODUÇÃO

Um dos principais entraves ao desenvolvimento regional no norte de Minas Gerais está ligado aos fatores climáticos, à distribuição irregular das chuvas durante o ano, que se concentram em um curto período (novembro a março), o que obriga a população da área a conviver, no restante do ano, com acentuada escassez de água.

O longo período de estiagem leva o seu povo às ruas, descalços com seus potes, flores e pedras na cabeça, em pleno sol escaldante, pedindo chuvas para essa terra ressequida, para saciar a sede dos homens e animais que se encontram mais afastados dos cursos d'água que não secam. Por

ironia, durante a estação das águas as populações ribeirinhas sofrem os efeitos das enchentes.

A história do Município de Salinas, como em todo Norte/nordeste de Minas Gerais, é nacionalmente conhecida por apresentar elevados índices de pobreza e de êxodo populacional, reflexos de uma economia estagnada há décadas.

A leitura que o sertanejo faz de sua própria situação em relação à natureza reproduz um misto de lamento, esperança e resignação. Por um momento ele revela toda sua tristeza pela forma como a natureza se manifesta, pela falta de chuva, pelo sol que castiga a terra da qual ele retira o seu sustento; em outro, ele mostra

sua esperança e, de certa forma, seu conformismo com a situação de flagelo, de sofrimento e espera que a qualquer momento a situação mude: a chuva chegará trazendo alívio e conforto para sua agonia.

Quando se fala em seca, a primeira lembrança que normalmente vem à tona é a questão do Nordeste Brasileiro, região que sistematicamente sofre com as longas estiagens, levando a população daquela região a migrarem-se para outras partes do país em busca da própria sobrevivência. Contudo, a seca não é um fenômeno característico apenas do Nordeste brasileiro, ela também é fator de desequilíbrio e de penúria para outras partes do país, como o Norte de Minas e Vale do Jequitinhonha, por exemplo.

Assim como no Nordeste, nessas regiões, a seca é certamente um dos temas mais discutidos e tidos como uma das preocupações primordiais de governantes, principalmente nos períodos das eleições. A resolução para os problemas da seca se torna uma bandeira na busca de cargos eletivos. Porém há uma contradição histórica no interior dessas regiões: de um lado o velho modo de reprodução do capital hegemônico que utiliza o seu poder

econômico para se impor sobre as classes menos favorecidas; de outro lado prevalece o atraso, estagnação e utilização de métodos rudimentares nos processos produtivos. Nessas regiões não só o capital encontra terreno fértil para a reprodução, mas também no campo político impondo suas ideologias sobre a população carente.

A área de estudo para a realização do trabalho localiza-se na bacia do rio Salinas, no município de Salinas (MG), da qual fazem parte os rios Salinas, Bananal e Caraíbas (cf. Figura 1).

O rio Salinas nasce no município de Taiobeiras, sendo um afluente do rio Tabocas. É um tributário da margem esquerda do rio Jequitinhonha, desaguando no município de Coronel Murta e encaminhando-se com destino ao oceano atlântico.

O aproveitamento de Salinas localiza-se no município de Salinas. Seu acesso é feito por uma estrada rural municipal, em direção ao local denominado Cova da Mandioca, com percurso de 6 km até o eixo da barragem. Suas coordenadas geográficas são de 16°10'19" de latitude Sul e 42°17'33" Oeste. A barragem de Salinas, sendo a maior das três instaladas

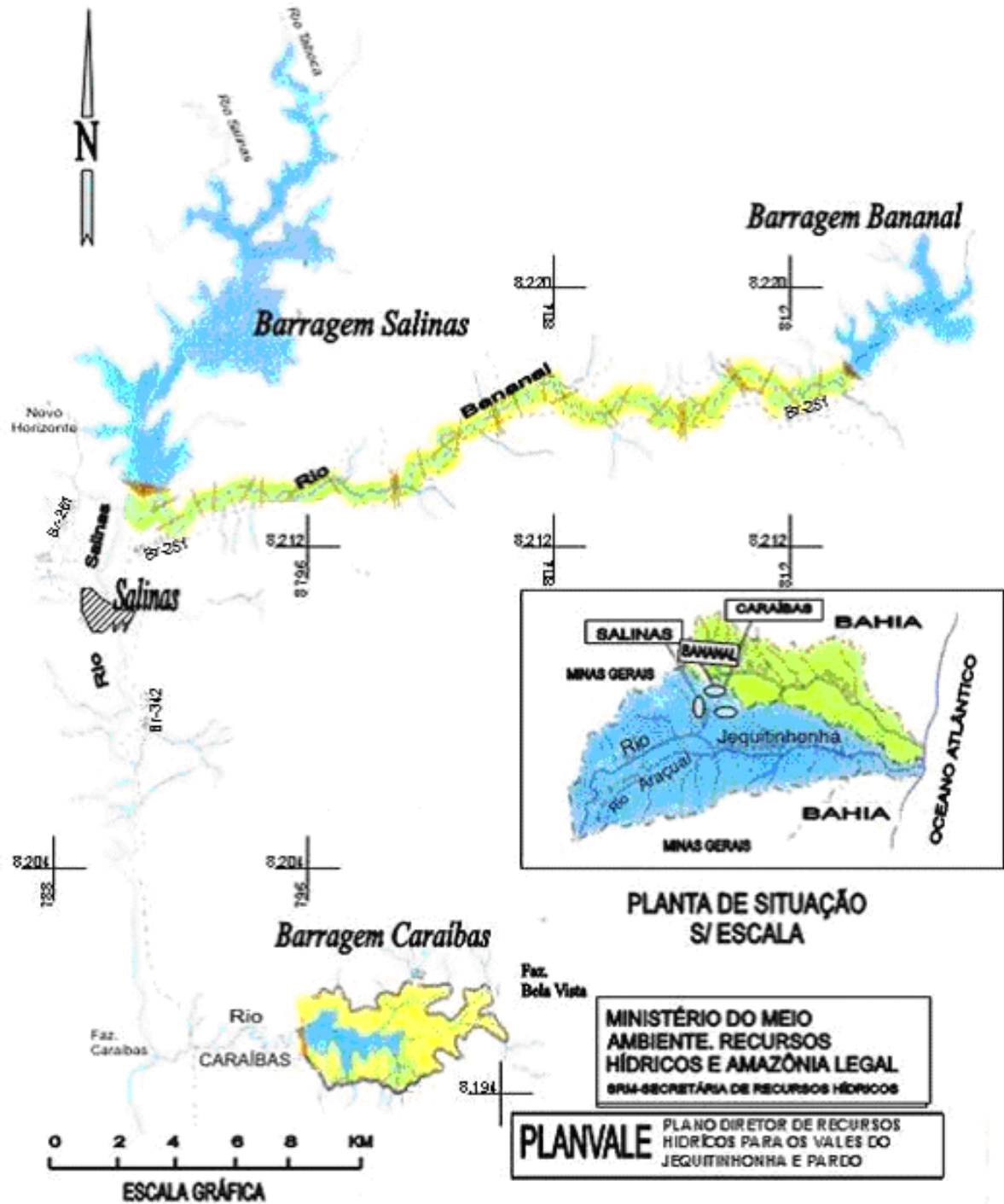


Figura 1 - Localização dos barramentos no Município de Salinas (MG)

proporcionaria irrigação de 2.220 hectares, gerando 1.110 empregos diretos e 4.440 empregos indiretos, beneficiando 27.750 pessoas (CEMIG, 1990).

O aproveitamento de Bananal localiza-se no município de Salinas, com acesso a partir de estrada municipal, não pavimentada, distando 31 km da sede do município. Tem como coordenadas geográficas os valores de 16°05'15" de latitude Sul e 42°03'83" Oeste. A barragem de Bananal proporcionaria irrigação de 670 hectares, gerando 335 empregos diretos e 1.340 empregos indiretos, beneficiando 8.375 pessoas.

O aproveitamento de Caraíbas localiza-se entre os municípios de Salinas e Rubelita, distando 21 km da sede do município, também com acesso por estrada municipal, não pavimentada. A barragem de Caraíbas proporcionaria irrigação de 250 hectares gerando 125 empregos diretos e 500 empregos indiretos, beneficiando 3.125 pessoas.

O homem, desde os primórdios da civilização utilizava as águas para sua sobrevivência e, em função desta dependência, ocupava as áreas que margeavam os cursos d'água. Os grandes

povos da história antiga viviam em função dos grandes rios e, já naquela época, construíam obras de engenharia com a finalidade de disciplinar as águas. Considerando que um dos responsáveis pelo estrangulamento do desenvolvimento econômico e social do município de Salinas e do Norte de Minas sempre foi a escassez de água, a implantação do sistema das três barragens possibilitou uma vazão média anual mais equilibrada dos rios Salinas, Bananal e Caraíbas, permitindo a compatibilização entre a oferta e a demanda de água para usos múltiplos na região.

Partindo-se do pressuposto de que a construção de barragens pode propiciar a uma determinada população o acesso a um bem tão importante como a água, é que se definiu como objetivo deste trabalho avaliar a importância dos barramentos de rios na bacia do Rio Salinas, no Norte de Minas Gerais, visando a perenização dos cursos das águas, regularização de

vazões, abastecimento público e irrigação para alavancar o desenvolvimento regional. Deste modo, pode-se apresentar como objetivos específicos os seguintes:

- ✓ Identificar as condições de utilização da água do Rio Salinas, antes da construção da barragem, principalmente no que se refere ao abastecimento público e a irrigação.

- ✓ Analisar a cultura, a religiosidade e as histórias da seca na região.
- ✓ Avaliar as conseqüências decorrentes da construção da barragem para a população local.
- ✓ Avaliar os efeitos da construção das barragens para o município de Salinas (MG) e para o desenvolvimento regional.
- ✓ Avaliar as condições sócio-econômicas atuais das famílias desapropriadas para a construção da barragem.

O processo histórico de ocupação do território que atualmente constitui o município de Salinas caracterizou-se pela ocorrência de bandeiras que, varando

chapidões, penetraram no sertão mineiro.

Ressalta-se que o município de Salinas situa-se na zona fisiográfica de Itacambira, fazendo parte da Bacia hidrográfica do Jequitinhonha integrante da área mineira da ADENE e do polígono das secas. Numa altitude de 471m acima do nível do mar, na sede, cujas coordenadas geográficas são 16° 10' 19" de latitude sul e 42° 17' 30" de longitude Oeste de Greenwich. A sua área total é de 1891.22km<sup>2</sup>.

**Tabela 1**

Dados Meteorológicos Mensais de Salinas (MG) - Normais Climatológicas, 1976/90

Meses/ano	Temperat. Do ar média (°c)	Temperat. Máxima média (°c)	Temperat. Mínima média (°c)	Umidade relativa do ar (%)	Precip. Total (mm)	Número de dias de chuva
Janeiro	24.1	30.8	19.1	76.7	176.1	13
Fevereiro	24.6	31.6	19.3	72.3	82.9	10
Março	24.4	31.4	19.1	74.1	112.0	11
Abril	23.3	30.0	18.0	74.6	43.5	8
Maio	21.8	29.0	15.8	73.8	19.2	4
Junho	19.8	27.7	13.6	71.9	5.3	3
Julho	19.7	27.6	13.0	67.7	14.2	4
Agosto	21.6	29.2	14.5	59.7	8.8	3
Setembro	21.3	30.4	16.6	59.1	22.8	3
Outubro	24.2	30.1	18.8	64.6	79.4	8
Novembro	23.8	30.2	19.3	74.9	152.2	13
Dezembro	23.7	30.0	19.4	79.5	187.2	14

**Fonte:** Ministério da Agricultura e do Desenvolvimento – Instituto Nacional de Meteorologia - 5º Distrito de Meteorologia

Analisando o índice pluviométrico da região de Salinas, percebe-se que o problema não é a escassez das chuvas, mas a irregularidade de sua distribuição

temporal. O total anual precipitado não chega a ser baixo, a ponto de prejudicar a agricultura, quando a situação é analisada em termos de média

interanual. O problema é que as chuvas acontecem em grande intensidade e curta duração, que concorrem muito pouco para o incremento da umidade dos solos e conseqüente utilização pelas plantas. O período chuvoso vai de outubro a março, tendo em novembro, dezembro e janeiro o trimestre com maior precipitação pluviométrica, enquanto que o trimestre mais seco ocorre nos meses de junho julho e agosto.

O fator temperatura não é restritivo para a maioria das culturas da região. A baixa amplitude térmica não afasta da média anual que é de 22,6° c. Os meses onde ocorrem as menores temperaturas são os de junho e

julho e a máxima em fevereiro com 31,6°C.

O sistema produtivo municipal de Salinas repete o padrão regional, apoiando-se na combinação de uma pecuária de corte extensiva, e pequena agricultura de subsistência. A essa base produtiva corresponde também uma distribuição fundiária marcada pelo binômio minifúndio-latifúndio.

Ressalta-se ainda que, a área ocupada com a agricultura no município, além de apresentar percentual relativamente pequeno em relação à destinada ao desenvolvimento da pecuária, ainda sofreu redução nos últimos anos, conforme mostram os dados da Tabela 2.

**Tabela 2**

Atividades econômicas e áreas ocupadas no município de Salinas (MG), 1985 e 1995/96

Atividade Econômica	1985		1995/96		Variação Percentual Área
	Área (ha)	Área (%)	Área (ha)	Área (%)	
Agricultura	58.984	23,13	41.068	18,16	30,37
Pecuária	180.217	70,69	130.626	57,77	-27,52
Agropecuária	6.241	2,45	48.771	21,57	681,46
Horticultura	48	0,02	665	0,30	1.285,42
Silvicultura e floresta	8.415	3,30	3.554	1,57	-57,77
Outros	1.046	0,41	1.431	0,63	36,81
Total	254.951	100,0	226.117	100,0	-11,31

Fonte: FIBGE - Censo Agropecuário de 1985 e 1995/96.

Da perspectiva social, observa-se um quadro marcado pelos problemas clássicos

de analfabetismo e subnutrição, bem como por condições precárias de saúde e

saneamento, entre outros aspectos. Esse quadro conforma uma situação em que grande parte da sociedade local vive em condições adversas, no limite da pobreza. De acordo com o estudo do IPEA (1985), Salinas situa-se no penúltimo decil na hierarquização dos municípios estaduais em termos das condições de vida da população.

## **MATERIAL E MÉTODO**

As interferências decorrentes da implantação de grandes barragens que afetem a população humana, a fauna, a vegetação, a qualidade da água, devem ser estudadas visando a avaliação da oportunidade deste empreendimento. Além das mudanças nos elementos da natureza, o homem também depara com os problemas conseqüentes dessa transformação na própria vida. Diante da necessidade de analisar e entender os impactos causados pela construção das barragens em Salinas-MG é que se propôs desenvolver a elaboração do presente trabalho, obedecendo aos seguintes procedimentos metodológicos: Levantamento Bibliográfico; Pesquisa de Campo; Análise de Documentos Cartográficos e Imagens de Satélite; Organização, Tratamento, Interpretação dos dados e Redação.

## **AS TRÊS BARRAGENS NA BACIA DO RIO SALINAS: lutas, conquistas e desencontros**

Para resolver a situação gritante de falta de água, e ao mesmo tempo de enchentes, em abril de 1988, a Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG) publicou os planos da empresa para a região do Jequitinhonha, incluindo investimentos na construção de 14 barragens para usos múltiplos.

A CEMIG, buscando atender as necessidades da região, e acumular o insumo básico, a água, construía as barragens visando somente a obtenção de energia. Como mudou o seu estatuto, passou a edificar barragens para a regularização de vazões e abastecimento público de água. Essa importante decisão mudou os rumos da história regional.

Como sempre ocorreu nos demais municípios da região, ao longo de sua história, o município de Salinas sofreu com a seca. De acordo com OLIVEIRA (2000), Salinas apresenta baixo índice de pluviosidade, com uma média anual de 700 mm de chuvas. Buscou-se assim, por meio do armazenamento da água precipitada no período chuvoso, incentivar a irrigação, geração de energia, piscicultura,

abastecimento doméstico e industrial, lazer e outros.

Os barramentos dos rios Salinas, Bananal e Caraíbas, representava um sonho de todos na região; uma esperança de pastos verdejantes, de água para saciar a sede e possibilitar aumentar a produção agrícola na região, que é por todos, muito amada, mas empobrecida e carente, sobretudo de um recurso natural como a água, tão fundamental para sua população.

Conjunturas econômicas e políticas (mudança do Governo Estadual, CPI das barragens, etc.) determinaram, no entanto, uma revisão do programa original, provocando além do cancelamento da implantação de alguns barramentos previstos, hiatos e descontinuidades no processo de definição da utilização dos reservatórios.

Das quatorze barragens previstas, somente sete foram implantadas; quatro (04) na bacia do rio Jequitinhonha, os aproveitamentos de salinas, bananal caraíbas e Calhauzinho; dois (02) na bacia do Rio Pardo, aproveitamento de Machado Mineiro e Samambaia e (01) um na bacia do São Francisco, Aproveitamento de Mosquito.

Verifica-se que um contingente bastante significativo de pessoas deveria ser beneficiado pela construção da barragem de Salinas. Para uma região extremamente carente de vários recursos, não só a geração de empregos diretos e indiretos, mas também a própria possibilidade de desenvolver as atividades agrícolas com maior facilidade, em função da irrigação, representaria um aspecto importante para a população da região.

Em dezembro de 1989, as barragens começaram a ser construídas. Assim, o sonho começava a se tornar realidade, mas com uma sombra de tristeza; a tristeza dos camponeses que se viam obrigados a deixar suas pequenas glebas de terra onde haviam nascido, crescido ou mesmo morado por anos a fio, para ceder suas terras às águas.

O processo de desapropriação em Salinas foi diferente das outras barragens iniciadas no vale do Jequitinhonha, pois o movimento e a organização das pessoas atingidas, mudou consideravelmente o processo de indenizações.

Quando começaram a surgir boatos sobre a construção de uma barragem na área, todos ficaram atônitos, sem saber o que dizer nem pensar. As idéias eram as mais



controvertidas. As pessoas não foram reunidas nem informadas da real situação

que eles se encontravam. Só ouviam falar que seria construída uma barragem.



Foto: Derval Junior 1989

**Figura 9** - Obras na Barragem do Bananal

O povo se via acuado e ao mesmo tempo inseguro com relação ao seu destino. E a incerteza deixava-os com grande conflito interior: o medo de perder as suas terras que até então não pensavam em sequer vendê-las, muito menos serem invadidas pelas águas. As margens do Rio Salinas formavam baixadas amplas e férteis. Por ser uma região plana e drenada, plantavam arroz. Em função da boa produtividade, as pessoas daquele lugar estavam num processo de construção de uma fábrica

para beneficiamento de arroz.

O prefeito da época, Sr. Geraldo Ferreira Matos, disse que a maior finalidade da obra era para irrigação, abastecimento, energia, dessedentação de animais e que o povo da região não deveria se preocupar como fato de perder as baixas, que afinal os altos se tornariam baixas.

Um ex- agregado das terras da barragem declarou:

*“Primeiro Deus no céu, depois Dom Hugo aqui, porque foi ele quem celebrou missa na capela de Sobradinho e perguntou : o que vocês estão fazendo com relação a construção da barragem? Se vocês não se organizarem e reivindicarem seus direitos vai acontecer aqui o mesmo que aconteceu no Bananal. Foi ele que estimulou o povo a organizar e reivindicar os seus direitos”.*

Foi montada então uma comissão para representar a comunidade perante a CEMIG e tomar todas as providências necessárias para a garantia dos direitos dos então proprietários, meeiros e agregados. Ficou decidido que ninguém negociaria sozinho.

A construção da barragem representava um drama e ao mesmo tempo uma ameaça para essas pessoas e familiares. A reação das mesmas era essencial, pois as obras implicariam mudanças diretas em suas vidas, daí a constituição do movimento dos atingidos, que lutavam com todas as suas forças e emoções para que a CEMIG e o ESTADO respeitassem os seus direitos, a um modo de vida, ao uso das suas terras, aos recursos naturais, à sua história de vida construída naquele lugar.

Os moradores da região de Sobradinho, preocupados com o processo de desapropriação ocorrido em Bananal, com indenizações que não eram compatíveis

com o valor das propriedades, e devido à insatisfação com os valores irrisórios pagos por parte da CEMIG, ficaram incrédulos com as promessas da concessionária e dos políticos. Resolveram assumir uma postura mais crítica, idealizando um movimento de resistência, assessorados pelo Dom Hugo, então padre de Salinas naquela época, Sindicato dos trabalhadores rurais, CPT (Comissão Pastoral da Terra) CUT, FETAEMG começaram a se organizar, preocupados que acontecesse com eles o mesmo que aconteceu com os atingidos de Bananal.

Na madrugada de 06 de junho de 1990, os atingidos (mulheres, homens e crianças) que estavam na capela de Sobradinho, saíram cantando e rezando. Com faixas e cartazes encaminharam-se em direção ao canteiro de obras da barragem. Nesse momento, estavam com eles representantes de várias segmentos sociais como a CUT, CPT, Sindicato dos trabalhadores rurais, FETAEMG, Igreja e os negociadores da CEMIG, que após a repercussão dos acontecimentos na obra, vieram de avião até Salinas, chegando no início da tarde para solucionar a problemática que havia se

instalado.

A repercussão desse movimento na cidade de Salinas foi assimilada pela população de forma divergente. Uns apoiaram a atitude dos atingidos, outros achavam que aquele movimento era contra o progresso porque a carência de água, esse bem escasso, era uma realidade gritante naquela região, onde os índices pluviométricos além de baixos eram mal distribuídos; em que se pese a conotação política partidária de rivalidade existente.

Com a chegada da comissão de negociação da CEMIG, foram debatidos todos os problemas emanados da construção das barragens, porém os manifestantes permaneceram no canteiro de obras até o dia 07 de junho de 1990, quando foi assinado um termo de compromisso, que estabelecia prazos para que fossem feitos levantamentos de valores e bens a serem desapropriados, ficando definido, também, que todos os direitos dos agregados, meeiros, proprietários, seriam assegurados por parte da concessionária. A partir da ocupação, a CEMIG se fez mais presente junto à comissão de representantes que

negociaram valores, indenizações, moradias etc...

No caso específico dos agregados, inicialmente eles exigiam terras férteis para que pudessem trabalhar. Devido a dificuldade de encontrarem um lugar que satisfizesse a todos, decidiram como melhor opção que se construíssem casas na cidade de Salinas.

Os proprietários sem remanescentes também foram contemplados com casas construídas pela CEMIG na periferia da cidade. O terreno para a construção das casas da Vila Sobradinho foi adquirido de um fazendeiro chamado Antônio Paraíso, que possuía propriedade nas imediações da cidade.

Foram construídas 35 casas padronizadas e uma capela, sendo uma das casas destinada à igreja. Adjacente a vila há duas áreas destinadas à produção agrícola dos moradores, que encontram-se totalmente abandonadas. Os moradores da vila justificam que é inviável produzir nestas áreas, porque se tem que irrigar e, para isso, o preço da água que é cobrado pela COPASA é muito caro.

A cidade de Salinas era o principal

centro urbano procurado pelos moradores da área onde se localizaram as barragens, para o desenvolvimento de atividades diversas. A importância da cidade, para toda essa região, reside principalmente no fato de que praticamente todos os serviços e a produção agrícola dessas áreas escoavam para a mesma.

A mão-de-obra utilizada nas fazendas vinha, sobretudo da força de trabalho de agregados e meeiros/parceiros, contratados por diária. Apenas um terço dessas fazendas mantinham assalariados fixos. A produção agrícola dessas propriedades se assenta exatamente na parcela da produção entregue por agregados e parceiros (Subsídios).

As barragens trouxeram muitos benefícios, tais como: a perenização de rios, possibilidade do desenvolvimento da irrigação, lazer, mudança nos hábitos alimentares, como a presença do peixe, que tornou-se constante na mesa do salinense. Entretanto, cabe ressaltar que, seguindo uma tendência que sempre marcou a história do povo brasileiro, os maiores beneficiados foram os proprietários com maior extensão de

terras, tanto no que diz respeito às indenizações, como também na questão da valorização das propriedades, por ter correndo em suas terras, o líquido precioso, isto é, a água.

Deve-se ressaltar, contudo, que nem todas as pessoas residentes nas áreas de construção dos barramentos entendem que eles trouxeram apenas benefícios. Para algumas das pessoas entrevistadas através da pesquisa realizada para a elaboração da dissertação, dentre 325 pesquisados das sub-bacias do rio Salinas (122), Bananal (174) e Caraíbas (29), alguns ressaltaram fatos negativos decorrentes dessas construções. As opiniões acerca dos benefícios e/ou prejuízos, na opinião dos pesquisados encontram-se no Tabela 14.

Verifica-se que não há unanimidade de opiniões quanto aos efeitos provocados pela construção das barragens entre as pessoas afetadas em Salinas. A maioria delas ressalta que houve benefícios importantes em decorrência das barragens, entretanto um número expressivo (33,6%) enumerou alguns prejuízos provocados por tais construções.

**Tabela 3**

Benefícios/prejuízos decorrentes da construção das barragens

<b>Benefícios</b>	<b>Absol.</b>	<b>%</b>
Facilidade para irrigação	13	4,0
Água constante	96	29,5
Acesso fácil a água/grande quantidade de peixe	12	3,7
Acabou com falta de água nas secas/Ajuda na pesca	23	7,1
Irrigação e utilização da água para consumo próprio	18	5,5
Água constante/facilitou plantio	22	6,8
Aumento da água para gado e plantação	21	6,5
<b>Prejuízos</b>		
Água contaminada trazendo doenças	10	3,1
Prejuízo desapropriação de terras por pequeno preço	23	7,1
Água mal cheirosa não é boa para consumo próprio	6	1,8
Perda imóveis/ perda produção/indenização/erosão	29	8,9
Perdeu toda a fonte de alimentação/terra inundada	18	5,5
Vendeu as terras abaixo do preço/desvalorização da terra	14	4,3
Animais morrendo dentro da barragem, falta educação ambiental/não possui rede de esgoto	9	2,8
Não responderam	4	1,2
<b>Total</b>	<b>325</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** Pesquisa realizada pela autora, 2001/2002

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS: problemas e/ou desencontros a partir da construção das represas**

Tomando-se como referência os pontos de vistas e concepções dos autores que embasaram as discussões teóricas neste estudo, assim como as observações de campo e a experiência adquirida e compartilhada no curso de mestrado, considerando-se as análises e colocações ao longo de todo o contexto exposto ao longo do trabalho, pode-se concluir que a seca, especialmente em determinadas regiões, como o Norte de Minas constituiu e ainda constitui um

fenômeno que leva ao flagelo, ao sofrimento e a desequilíbrios importantes. Afeta ricos e pobres, negros e brancos; destrói vidas humanas e dizima plantações e animais. Provoca o desespero, de tal forma, que leva as pessoas, sobretudo aquelas mais simples; o sertanejo, em particular, a criar verdadeiros mitos e lendas sobre o fenômeno. Contudo, não se pode negar que a realidade é bem mais forte e perversa de que quaisquer ilações que se possam fazer a respeito de tal fenômeno.

No tocante aos aspectos abordados sobre a construção das três barragens na bacia do

rio Salinas, o estudo realizado indica, com base nos enunciados bibliográficos e na experiência daqueles que estiveram diretamente envolvidos no processo, a existência de alguns fatos que demonstram a luta dos atingidos, as conquistas obtidas e os desencontros oriundos de tal processo.

A construção das barragens em Salinas, seus benefícios e suas contradições ainda mantém em torno de si, um complexo e inacabado contexto de dúvidas, questionamentos e polêmica e opiniões antagônicas. É como se o processo fosse visto e discutido por um congresso de surdos-mudos, onde um fala e o outro não ouve, ou então algo que foi feito para atender às necessidades de um, com a condição intrínseca de que para que isso ocorresse, necessariamente o outro teria que ser sacrificado, visto que, para alguns a construção das barragens representou a redenção de suas dificuldades, de seu sofrimento, enquanto que para outros, significou exatamente o contrário.

Em relação à importância das barragens para o desenvolvimento regional, é necessário que estudos mais

aprofundados sejam realizados para se ter condições de emitir opinião definitiva acerca do assunto. Não se pode negar, contudo, que, para uma região onde a água ou a escassez dela, constituía um dos maiores entraves ao desenvolvimento de atividades produtivas, a construção das barragens representou um passo adiante na busca de alternativas para solucionar ou pelo menos para minimizar os efeitos da falta d'água, seja para o consumo humano, seja para o desenvolvimento de alguma atividade capaz de gerar renda para uma parte da população do município.

É oportuno ainda ressaltar a questão das famílias instaladas na Vila Sobradinho, famílias estas desapropriadas pela CEMIG para a construção das barragens. Além de terem sido obrigadas a interromper ou mudar as suas relações sociais, estas famílias, segundo relato de vários pesquisados, não foram ressarcidos de forma justa pela cessão de suas terras para a construção das barragens. Hoje, muitas delas vivem em estado precário; sem nenhuma atividade produtiva e ainda, sem nenhuma perspectiva real e plausível de mudar a realidade e o cotidiano que os cercam.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Luci Imaculada de Oliveira et al. **Espaço em Construção**. 5 ed. Belo Horizonte: Editora Lê, 1993.
- COMPANHIA ENERGÉTICA DE MINAS GERAIS - CEMIG. **Informação da CEMIG aos seus Acionistas**. Programa de Perenização de Rios, 1990.
- COMPANHIA ENERGÉTICA DE MINAS GERAIS – CEMIG. Projeto de Perenização de Cursos D'Água para usos Múltiplos – Bacias dos Rios Jequitinhonha e Pardo. Belo Horizonte: CEMIG, junho/1993, 64 p.
- COMPANHIA ENERGÉTICA DE MINAS GERAIS – CEMIG. **Relatório Final de Bananal**. Salinas: CEMIG, setembro de 1991.149 p.
- COMPANHIA DE SANEAMENTO DE MINAS GERAIS - COPASA (MG). **Sistema de Abastecimento de Água da Cidade de Salinas/MG**. Vol. 1 - Memorial. Belo Horizonte: Latin Consult Engenharia Ltda., outubro de 1994, 114 p.
- CONGRESSO NACIONAL - Comissão Especial Mista. **Desequilíbrio Econômico Inter-regional Brasileiro**. Brasília: Congresso Nacional, dez/1993.
- CRUZ, M.R. da. **Caso Contado à Sombra do Mercado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, 292 p.
- ENGEVIX. **Projeto de Perenização de Cursos D'água Para Usos Múltiplos - Bacias dos Rios Jequitinhonha e Pardo**, Relatório Técnico,1993.
- ENGEVIX. Relatório de Controle Ambiental e Plano de Controle Ambiental. Relatório Técnico,1993.
- ESTANISLAU, M.L.L. **Avaliação Econômica de um Programa de Desenvolvimento**. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 1991, 105 p. (Tese).
- FREIRE, A.G. **Águas do Jequitinhonha: a gestão coletiva dos recursos hídricos pelos agricultores de Turmalina - Alto Jequitinhonha/MG**. Lavras: Universidade Federal de lavras – UFLA, 2001, 108 p. (Dissertação).
- GARCIA, Carlos. **O que é Nordeste Brasileiro**. 7 ed.São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CHAUI, Marilena de Souza. **O que é Ideologia**. 33 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MORENO C. A **Colonização e o Povoamento do Baixo Jequitinhonha no Século XIX**. Belo Horizonte: Canoa das Letras, 2001, 192 p. (Coleção Testemunho Jequitinhonha; 4).

OLIVEIRA, E. R. A **“Marvada Pinga” – Produção de Cachaça em Salinas, Norte de Minas Gerais**. Lavras: UFLA, 2000, 178 p. (Tese de Mestrado).

OLIVEIRA, Francisco. **A Economia Brasileira: Crítica à Razão Dualista**. Rio de Janeiro: Ed. Brasileira de Ciências, 1972.

\_\_\_\_\_ **Elegia para uma Re(Li)gião**. Rio de Janeiro: Pa e Terra, 1977.

OLIVEIRA, M. F. M. et al. **Formação Social e Econômica do Norte de Minas**. Montes Claros (MG). Editora UNIMONTES, 2000.

RIBEIRO, E.M. (org.) **Lembranças da Terra – Histórias do Mucuri e Jequitinhonha**. Belo Horizonte: SEGRAC, 1996, 235 p.

RIBEIRO, R. F. **Campesinato: Resistência e Mudança – O caso dos atingidos por barragens do Vale do**

**Jequitinhonha** - FAFICH-UFMG, 1995 (Dissertação).

SANTOS FILHO, José dos R. **A Questão Política nas Obras de Barragens: viagem à literatura especializada**. São Paulo: Fundação de Desenvolvimento Administrativo – FUNDAP, 1987, 54 p.

SANTOS, G. R. **Trabalho, Cultura e Sociedade no Norte/Nordeste de Minas**, Montes Claros (MG). Editora BEST, 1997.

SERVIÇO DE APOIO ÀS PEQUENAS EMPRESAS DE MINS GERAIS - SEBRAE-MG. **Salinas - Diagnóstico Municipal**. Belo Horizonte: SEBRAE, 2001.

SOUZA, I. & MEDEIROS FILHO J. **Os Desagregados Filhos da Seca**. 2 ed. Petrópolis RJ.,: Vozes, 1983, 109 p.

SOUZA, Nali de Jesus de. **Desenvolvimento Econômico**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1997.

TORLONI, Hilário. **Estudos de Problemas Brasileiros**. 11 ed. São Paulo: Pioneira, 1978.